

MALALA YOUSAFZAI
com PATRICIA McCORMICK

Eu sou Malala

*Como uma garota defendeu o direito
à educação e mudou o mundo*

EDIÇÃO JUVENIL

Tradução
ALESSANDRA ESTECHE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by Salarzai Limited
Agradeço a Hinna Yusuf por fornecer material para a linha do tempo.
Edição publicada mediante acordo com Little, Brown and Company,
Nova York, NY, EUA, todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
I Am Malala: How One Girl Stood Up for Education
and Changed the World — Young Readers Edition

Capa
© 2014 by Hachette Book Group, Inc.
© 2014 by Salarzai Limited

Foto de capa
© 2011 by Mark Tucker

Foto da quarta capa
Tanya Malott

Mapa
John Gilkes

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yousafzai, Malala

Eu sou Malala : Como uma garota defendeu o direito à
educação e mudou o mundo / Malala Yousafzai, com Patricia
McCormick ; tradução Alessandra Esteche. — 1ª ed. — São
Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: I Am Malala : How One Girl Stood Up for
Education and Changed the World.
ISBN 978-85-65765-62-6

1. Direitos das crianças 2. Literatura juvenil 3. Mulheres
jovens – Educação – Paquistão – Biografia 4. Yousafzai,
Malala, 1997. I. McCormick, Patricia II. Título.

14-13278

CDD-370.82095491

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Paquistão : Educação 370.82095491

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Prólogo, 11

PARTE I: ANTES DO TALIBÃ

1. Livre como um pássaro, 19
2. Sonhos, 27
3. O lápis mágico, 31
4. Um aviso de Deus, 34
5. A primeira ameaça direta, 36

PARTE II: UMA SOMBRA SOBRE NOSSO VALE

6. Mulá FM, 43
7. O Talibã no Swat, 47
8. Ninguém está seguro, 54
9. Doces caindo do céu, 57
10. Como era viver com o terrorismo, 60

PARTE III: ENCONTRANDO MINHA VOZ

11. Uma chance de falar, 67
12. O diário de uma estudante, 70
13. Turma dispensada, 77
14. Escola secreta, 81
15. Paz?, 85
16. Deslocada, 90
17. Em casa, 96
18. Um pedido humilde e uma paz estranha, 99

19. Enfim, boas notícias, 102

PARTE IV: ALVO

20. Uma ameaça de morte contra mim, 107

21. A promessa de primavera, 110

22. Presságio, 113

23. Um dia como outro qualquer, 117

PARTE V: UMA VIDA NOVA, LONGE DE CASA

24. Um lugar chamado Birmingham, 123

25. Problemas, soluções, 127

26. Cem perguntas, 131

27. Matando o tempo, 134

28. Estamos todos aqui agora, 138

29. Preenchendo as lacunas, 143

30. Mensagens do mundo todo, 149

31. Um dia agri-doce, 151

32. Milagres, 155

33. Este novo lugar, 158

34. A única coisa que todos nós sabemos, 162

35. Aniversário, 166

Epílogo — Uma garota entre tantas, 169

Agradecimentos, 173

MAIS INFORMAÇÕES

Glossário, 179

Acontecimentos importantes no Paquistão e no Swat, 183

Sobre o Fundo Malala, 197

PARTE I

Antes do Talibã

1. Livre como um pássaro

Eu sou Malala, uma menina como outra qualquer — mas tenho meus talentos.

Sou hiperflexível e consigo estralar os dedos das mãos e dos pés quando quiser. (Gosto de ver a expressão das pessoas quando faço isso.) Consigo derrotar pessoas com o dobro da minha idade em uma queda de braço. Gosto de bolinhos, mas não de bala. E acho que chocolate amargo nem devia ser considerado chocolate. Odeio berinjela e pimentão, e amo pizza. Acho a Bella de *Crepúsculo* muito indecisa, e não entendo por que escolheu o chato do Edward. Como eu e minhas amigas do Paquistão dizemos, ele não faz bem para ela.

Não ligo para maquiagem e joias, e não sou muito feminina. Mas minha cor favorita é rosa e admito que costumava passar muito tempo na frente do espelho brincando com meu cabelo. Quando era mais nova, tentei clarear a pele com mel, água de rosas e leite de búfala. (O cheiro de leite no rosto é muito ruim.)

Costumo dizer que, se você olhar dentro da mochila de um menino, sempre vai estar bagunçada; se olhar para o uniforme dele, sempre vai estar sujo. Não é minha opinião. É um fato.

Sou pachtum, membro de uma tribo orgulhosa espalhada pelo Afeganistão e pelo Paquistão. Meu pai, Ziauddin, e minha mãe, Tor Pekai, são de uma aldeia nas montanhas, mas, depois que se casaram, mudaram para Mingora, a maior cidade do vale do Swat, que fica no noroeste do Paquistão, onde nasci. O

Swat era famoso por sua beleza, e turistas vinham de toda parte ver as montanhas, as colinas verdejantes e os rios cristalinos.

Meu nome é uma homenagem à grande heroína pachtum Malalai, cuja coragem inspirou seus compatriotas.

Mas não acredito em brigas — mesmo quando meu irmão de catorze anos, Khushal, me irrita até não poder mais. Nunca brigo com ele. Em vez disso, *ele* briga comigo. E concordo com Newton: para toda ação existe uma reação oposta e de igual intensidade. Então acho que podemos dizer que, quando Khushal briga comigo, apenas reajo. Discutimos sobre o controle da tv. Sobre as tarefas domésticas. Sobre quem é o melhor aluno. Sobre quem comeu o último salgadinho. Sobre qualquer coisa.

Meu irmão de dez anos, Atal, me irrita menos. Ele é ótimo em correr atrás da bola de críquete quando a jogamos para fora da quadra. Mas inventa suas próprias regras de vez em quando.

Quando eu era mais nova e meus irmãos começaram a chegar, tive uma conversinha com Deus. *Deus, você não falou comigo antes de mandar esses dois. Não perguntou o que eu achava. Eles são muito inconvenientes às vezes.* Quando quero estudar, fazem um barulho terrível. E, quando estou escovando os dentes de manhã, batem na porta do banheiro. Mas pelo menos com dois irmãos podemos jogar críquete.

Lá no Paquistão, nós corríamos como um bando de coelhos, entrando e saindo dos becos perto da nossa casa; brincávamos de pega-pega, de um jogo chamado *mango*, *mango*, de um jogo de amarelinha chamado *chindakh* (que significa “sapo”) e de polícia e ladrão. Às vezes tocávamos a campainha da casa de alguém e saíamos correndo para nos esconder. Mas nossa brincadeira preferida era o críquete. Jogávamos dia e noite no beco ao lado da nossa casa ou no terraço, que era plano. Se não tínhamos dinheiro para comprar uma bola, fazíamos uma com meias velhas, e marcávamos o placar na parede com giz. Como Atal era o mais novo, era ele quem buscava a bola quando caía

do terraço; às vezes ele pegava a bola do vizinho quando ia buscar a nossa. Voltava com um sorriso atrevido e dava de ombros.

— O que tem? — dizia. — Eles pegaram nossa bola ontem!

Mas os meninos são... bom, meninos. A maioria deles não é tão civilizada quanto as meninas. Então, se eu não estava a fim de aguentar o comportamento dos dois, descia e batia no muro entre a nossa casa e a de Safina. Duas batidas, esse era nosso código. Ela batia em resposta. Eu empurrava um tijolo para o lado, abrindo um buraco entre as casas, e sussurrávamos uma para a outra. Às vezes eu ia à casa dela, ou ela à minha, e assistíamos ao nosso programa de TV favorito, *Shaka Laka Boom Boom* — sobre um menino que tem um lápis mágico. Ou trabalhávamos nas bonequinhas que estávamos fazendo com palitos de fósforo e pedaços de tecido.

Safina era minha amiga desde que eu tinha mais ou menos oito anos. Ela era alguns anos mais nova do que eu, mas éramos muito próximas. Às vezes imitávamos uma à outra, mas um dia achei que ela tinha ido longe demais, quando a coisa de que eu mais gostava — meu único brinquedo, um celular de plástico rosa que meu pai tinha me dado — desapareceu.

Naquela tarde, quando fui brincar com Safina, ela tinha um idêntico! Disse que era dela; que tinha comprado no mercado. Bom, não acreditei, e estava muito brava para pensar direito. Então, quando Safina não estava olhando, peguei um par de brincos dela. No dia seguinte, um colar. Eu nem gostava de bijuteria, mas não conseguia parar.

Alguns dias depois cheguei em casa e encontrei mamãe tão chateada que nem olhava para mim. Ela tinha encontrado as bijuterias roubadas na minha cômoda e devolvido.

— Safina me roubou primeiro! — gritei.

Mas mamãe não se abalou.

— Você é mais velha, Malala. Devia dar o exemplo.

Fui para o quarto, cheia de vergonha. Mas a longa espera até meu pai chegar em casa foi a pior coisa. Ele era meu he-

rói — corajoso e cheio de princípios —, e eu era sua *jani*. Ia ficar tão decepcionado.

Mas ele não levantou a voz ou brigou comigo. Sabia que eu já estava sendo tão dura comigo mesma que não precisava me repreender. Em vez disso, me consolou falando sobre os erros que grandes heróis cometeram quando criança.

Heróis como Mahatma Gandhi, o grande pacifista, e Mohammad Ali Jinnah, o fundador do Paquistão. Ele mencionou um ditado que seu pai dizia: “Uma criança é uma criança quando é criança, mesmo que seja um profeta”.

Pensei em nosso código Pachtunwali, que rege como nós, pachtuns, vivemos. Uma parte desse código é sobre *badal* — vingança —, e diz que um insulto deve ser respondido com outro, uma morte com outra, e assim por diante.

Senti o gosto da vingança. E era amargo. Naquele dia jurei que jamais tomaria parte em um *badal*.

Pedi desculpas a Safina e seus pais. Eu esperava que ela também pedisse desculpas e devolvesse meu celular. Mas minha amiga não disse nada. E, por mais difícil que fosse manter minha nova promessa, não falei nada sobre minha suspeita quanto ao paradeiro do celular.

Safina e eu logo voltamos a ser amigas e retomamos as brincadeiras de pega-pega com nossos vizinhos. Naquela época, morávamos em uma parte da cidade que ficava longe do centro. Atrás da nossa casa havia um gramado com ruínas misteriosas — estátuas de leões, colunas partidas de uma velha estupa e centenas de pedras enormes que pareciam guarda-chuvas gigantes — onde, no verão, brincávamos de *parpartuni*, um jogo de esconde-esconde. No inverno, fazíamos bonecos de neve até nossas mães nos chamarem para tomar uma caneca de chá quente com leite e cardamomo.

Desde que consigo lembrar, nossa casa sempre foi cheia de gente: vizinhos, parentes e amigos de papai — e um fluxo sem

fim de primos e primas. Eles vinham das montanhas onde meus pais cresceram ou da cidade mais próxima. Mesmo quando nos mudamos da nossa primeira casa minúscula e ganhei meu próprio quarto, ele raramente era só meu. Sempre tinha algum primo dormindo no chão. Isso porque uma das partes mais importante do código Pachtunwali é a hospitalidade. Como pachtuns, sempre devemos abrir nossa porta para um visitante.

Minha mãe e as mulheres se reuniam na varanda nos fundos da nossa casa e cozinhavam e riam e conversavam sobre roupas novas, joias e outras mulheres da vizinhança, enquanto meu pai e os homens sentavam na sala de estar dos homens e bebiam chá e falavam de política.

Eu costumava me afastar das brincadeiras das crianças, passar na ponta dos pés pelas mulheres e me juntar aos homens. Tinha a impressão de que lá acontecia algo empolgante e importante. Não sabia o que era, exatamente, e certamente não entendia nada de política, mas me sentia atraída pelo mundo dos homens. Sentava aos pés do meu pai e absorvia a conversa. Amava ouvi-los debatendo política. Mas principalmente amava sentar entre eles, hipnotizada pela conversa sobre o grande mundo para além do nosso vale.

Por fim eu saía da sala e ficava um pouco entre as mulheres. As imagens e os sons de seu mundo eram diferentes. Havia sussurros suaves e confidentes. Algumas vezes, risadas tilintantes. Outras, estridentes e barulhentas. Mas o mais impressionante de tudo era que os véus e lenços sumiam. Seus cabelos escuros e compridos e seus lindos rostos — enfeitados com batom e hena — eram lindos de ver.

Vi essas mulheres quase todos os dias da minha vida observando o regime da *purdah*, segundo o qual devem se cobrir em público. Algumas, como mamãe, simplesmente envolviam o rosto com um lenço; o nome disso é *niqab*. Mas outras usavam burcas, túnicas pretas compridas e fluidas que cobriam a cabeça e o rosto, para que as pessoas não pudessem ver nem os olhos. Algumas chegavam a usar luvas pretas e meias para que

nem um pedaço de pele ficasse à mostra. Vi esposas obrigadas a andar alguns passos atrás do marido. Vi mulheres forçadas a abaixar o olhar quando encontravam um homem. E vi meninas mais velhas que tinham sido minhas amigas desaparecerem atrás de véus assim que se tornaram adolescentes.

Mas ver essas mulheres batendo papo casualmente — os rostos radiantes de liberdade — era ver um mundo novo.

Nunca ajudei muito na cozinha — admito que tentava me livrar de cortar legumes e lavar pratos sempre que podia —, então não ficava lá muito tempo. Mas, ao sair correndo, sempre me perguntava como seria viver se escondendo.

Viver embaixo de panos parecia tão injusto — e desconfortável. Desde pequena, eu dizia aos meus pais que, independentemente do que as outras meninas fizessem, nunca cobriria meu rosto daquele jeito. Meu rosto era minha identidade. Mamãe, que é muito devota e tradicional, ficava chocada. Nossos parentes achavam que eu era muito ousada. (Alguns diziam mal-educada.) Mas papai dizia que eu podia fazer como quisesse.

— Malala vai viver livre como um pássaro — ele dizia para todo mundo.

Então eu corria para me juntar de novo às crianças. Principalmente quando chegava a hora da competição de empinar pipa — em que os meninos tentavam cortar a linha dos adversários. Era um jogo empolgante, cheio de fugas e mergulhos imprevisíveis. Eu achava bonito, mas também um pouco triste, ver as lindas pipas jogadas no chão.

Talvez eu achasse isso porque vislumbrava um futuro que seria cortado exatamente como aquelas pipas — pelo simples fato de ser menina. Apesar do que papai dizia, eu sabia que, quando Safina e eu ficássemos mais velhas, as pessoas iam querer que cozinhassemos e limpássemos para nossos irmãos. Poderíamos nos tornar médicas, porque precisavam de médicas mulheres para cuidar de pacientes mulheres, mas não poderíamos ser advogadas ou engenheiras, designers de moda ou artistas — ou qualquer outra coisa que sonhássemos ser. E não per-

mitiriam que saíssemos de casa sem um parente homem que nos acompanhasse.

Enquanto via meus irmãos subirem correndo para o terraço para empinar suas pipas, me perguntava quão livre eu realmente poderia ser.

Mas sabia, mesmo naquela época, que era a menina dos olhos do meu pai. Uma coisa rara para uma paquistanesa.

Quando um menino nasce no Paquistão, é motivo de celebração. Todos dão tiros para o alto. Presentes são colocados no berço do bebê. E o nome do menino é inscrito na árvore genealógica. Mas, quando uma menina nasce, ninguém visita os pais, e as mulheres sentem compaixão pela mãe.

Papai não ligava para esses costumes. Vi meu nome — em tinta azul-clara — no meio dos nomes masculinos da nossa árvore genealógica. O meu era o primeiro nome feminino em trezentos anos.

Durante toda a minha infância, ele cantou uma música sobre minha xará pachtum famosa:

— *Oh, Malalai de Maiwand. Ergue-te mais uma vez para ensinar aos pachtuns o significado da honra. Tuas palavras poéticas movem mundos. Eu imploro, ergue-te mais uma vez.*

Quando era pequena, não entendia o que tudo isso significava. Quando cresci, no entanto, compreendi que Malalai era uma heroína e um modelo a ser seguido, e quis aprender alguma coisa com ela.

Quando comecei a ler, aos cinco anos, papai se gabava para os amigos.

— Olhem para essa menina — dizia. — Está destinada a grandes coisas!

Eu fingia ficar com vergonha, mas os elogios dele sempre foram o que havia de mais precioso no mundo para mim.

Eu era muito mais sortuda do que a maioria das garotas por mais um motivo: meu pai administrava uma escola. Era um lugar humilde com nada além de quadros-negros e giz — e fi-

cava bem ao lado de um rio fedorento. Mas para mim era um paraíso.

Meus pais dizem que, mesmo antes de começar a falar, eu engatinhava até as salas vazias e lecionava. Dava aulas em minha própria fala de bebê. Às vezes deixavam que eu sentasse na sala com as outras crianças, ouvindo impressionada tudo o que ensinavam a elas. Conforme crescia, não via a hora de usar o uniforme que as meninas mais velhas vestiam todos os dias para ir à escola: *shalwar kamiz* — uma túnica longa azul e calças brancas soltinhas — e um lenço branco na cabeça.

Papai abriu a escola três anos antes de eu nascer, e era professor, contador e diretor — além de zelador, faz-tudo e eletricista. Ele subia a escada para trocar lâmpadas e descia no poço quando uma bomba d'água quebrava. Quando o via desaparecer naquele poço, eu chorava, achando que nunca mais ia voltar. Embora não entendesse naquele tempo, hoje sei que nunca havia dinheiro suficiente. Depois de pagar o aluguel e os salários, não havia muito para comprar comida, então tínhamos pouco para o jantar. Mas a escola era o sonho do meu pai, e todos estávamos muito felizes em vivê-lo.

Quando finalmente chegou a hora de frequentar as aulas, fiquei tão animada que não conseguia me conter. Posso dizer que cresci em uma escola. A escola era meu mundo, e meu mundo era a escola.

2. Sonhos

Toda primavera e todo outono, durante os feriados do Grande Eid e do Pequeno Eid, minha família visitava um dos meus lugares favoritos no mundo: Shangla, a aldeia onde meus pais cresceram, nas montanhas. Carregados de presentes para nossos parentes — xales bordados, caixas de doces de rosa e pistache, remédios que eles não conseguiam comprar na aldeia —, íamos até a estação de ônibus de Mingora e víamos praticamente todo o resto da cidade amontoado esperando pela Carruagem Voadora.

Guardávamos nossos presentes — junto com os sacos de farinha e açúcar, cobertores e baús que as outras famílias levavam — em uma pilha em cima do ônibus. Depois nos amontoávamos dentro dele para a viagem de quatro horas subindo estradas sinuosas e esburacadas até as montanhas. No primeiro quarto da viagem, a estrada era uma série de zigue-zagues que acompanhavam o rio Swat de um lado e eram cercados de penhascos do outro. Meus irmãos adoravam apontar veículos que tinham caído no vale lá embaixo.

A Carruagem Voadora ia cada vez mais alto, até o ar ficar frio. No fim, não víamos nada além de montanha após montanha. Montanha, montanha, montanha e só uma fatia de céu.

A maioria das pessoas em Shangla era muito pobre e não havia comodidades modernas, como hospital e mercado, mas nossa família sempre servia um jantar enorme pra nós quando chegávamos. Esse banquete era especialmente bem-vindo no Pequeno Eid, que marca o fim de um mês de jejum diurno do

Ramadã. Eram tigelas de frango, arroz, espinafre e cordeiro, maçãs enormes e crocantes, lindos bolos e grandes chaleiras de chá com leite.

Mesmo quando tinha sete ou oito anos, eu era considerada uma menina sofisticada da cidade, e às vezes meus primos me provocavam porque eu não gostava de ficar descalça e usava roupas compradas no mercado, não feitas em casa como as deles. Eu tinha um sotaque da cidade e falava gírias da cidade, então eles achavam que eu era moderna. Se soubessem... As pessoas de cidades de verdade, como Peshawar ou Islamabad, me achariam bem retrógrada.

Quando estava na aldeia, no entanto, eu levava a vida de uma menina do campo. De manhã, levantava quando o galo cantava ou quando ouvia o bater de louças das mulheres lá embaixo preparando o café para os homens. Então todas as crianças saíam de casa para saudar o dia. Comíamos mel direto da colmeia e ameixas verdes polvilhadas com sal. Nenhum de nós tinha brinquedos ou livros, então jogávamos amarelinha e críquete em um barranco.

À tarde os meninos iam pescar enquanto as meninas desciam o rio para nossa brincadeira preferida: casamento. Escolhíamos uma noiva e a preparávamos para a cerimônia. Nós a cobríamos de pulseiras e colares e maquiávamos seu rosto e pintávamos suas mãos com hena. Quando estava pronta para ser entregue ao noivo, ela fingia chorar, e passávamos a mão em seu cabelo e dizíamos para não se preocupar. Às vezes caíamos na gargalhada.

A vida das mulheres nas montanhas não era fácil. Não havia lojas decentes, nem universidades, nem hospitais ou médicas mulheres, não havia água limpa ou eletricidade provida pelo governo. Muitos homens haviam deixado as aldeias para trabalhar na construção de estradas e em minas muito distantes, e mandavam dinheiro para casa quando podiam. Às vezes nunca mais voltavam.

As mulheres da aldeia também tinham que esconder o ros-

to sempre que saíam de casa. E não podiam encontrar ou falar com homens que não fossem parentes próximos. Nenhuma delas sabia ler. Nem mesmo minha mãe, que agora vivia na cidade, sabia. Não é nada incomum que mulheres do meu país sejam analfabetas, mas ver minha mãe, uma mulher inteligente e orgulhosa, sofrendo para entender os preços no mercado dava uma tristeza tácita em nós duas, acho.

Muitas meninas da aldeia — incluindo a maior parte das minhas primas — não vão à escola. Alguns pais nem pensam em suas filhas como membros importantes da família, porque vão casar jovens e viver com a família do marido.

— Por que mandar uma filha para a escola? — os homens diziam. — Ela não vai precisar de educação para administrar um lar.

Eu nunca respondia aos mais velhos. Na minha cultura, não devemos desrespeitá-los — mesmo quando estão errados.

Mas eu via como a vida das mulheres era difícil, e ficava confusa e triste. Por que as mulheres eram tão maltratadas em nosso país?

Perguntei ao meu pai, e ele me contou que a vida era ainda pior para as mulheres no Afeganistão, que havia sido dominado por um grupo chamado Talibã. Escolas para meninas foram incendiadas, e agora todas as mulheres eram forçadas a usar um tipo de burca radical, um véu que ia da cabeça aos pés e tinha apenas uma grade de tecido nos olhos. As mulheres foram proibidas de rir alto e usar esmaltes, e eram espancadas ou presas por andar sem um homem da família.

Estremeci quando ele me contou essas coisas e agradeci a Deus por morar no Paquistão, onde as meninas eram livres para ir à escola.

Foi a primeira vez que ouvi falar no Talibã. O que eu não sabia era que eles não estavam só no Afeganistão. Havia um grupo no Paquistão, que não ficava longe de nós, em uma área tribal (conhecida como FATA). Alguns eram pachtuns, como

nós, e logo lançariam uma nuvem negra sobre minha infância ensolarada.

Mas meu pai disse para eu não me preocupar.

— Vou proteger sua liberdade, Malala. Continue a sonhar.